

EDITORIAL

A *Revista Pistis & Praxis: Teologia e Pastoral*, devido à sua identidade, aborda em seu dossiê temas que tenham forte apelo atual e prático. Na área da bioética a sociedade brasileira debateu amplamente a temática do início da vida. Esse debate ocorreu ao redor da Lei de Biossegurança, que fora aprovada em 2005 pelo Congresso Nacional e que foi objeto de uma ADIN, cujo processo se alongou até 2008. A ADIN foi derrubada pelo Supremo Tribunal, sob os holofotes da imprensa. O assunto principal do debate era a questão da dignidade do embrião humano, principalmente o embrião que se encontra criopreservado nas clínicas de reprodução assistida no Brasil e em outros países.

Esse assunto continua sendo um dos pontos mais complexos e difíceis para a bioética, por vários motivos: o fato de que milhares de embriões continuam nas clínicas, sem solução ética plausível; novos embriões são considerados excedentes a cada dia e passam a juntar-se aos já criopreservados; a prática de uso desses embriões com finalidades terapêuticas e de pesquisa está se expandindo; a Congregação para Doutrina da Fé lançou o documento *Dignitas Personae* a respeito do assunto, em 2008. Desse modo, o Dossiê Temático deste número da revista, “Bioética e o Início da Vida”, surge num momento importante e procura captar a contribuição da Teologia sobre assunto tão relevante. Este dossiê temático está composto de vários artigos que abordam o tema proposto.

No primeiro artigo – para fomentar uma abordagem crítica da bioética – Nilo Ribeiro reflete sobre a questão da bioética no contexto de uma cultura contemporânea marcada pelo “esquecimento” da simbólica. Na medida em que a palavra perde sempre mais espaço, o indivíduo desaparece como sujeito da ação moral. Nesse contexto, a irrupção da alteridade emerge como chance para tirar o mundo da linguagem do esquecimento. Abre-se a possibilidade de falar e de agir em vista do outro. Ressurge uma nova simbólica em função do cuidado da vida do outro, a bioética.

Christian de Paul de Barchifontaine aborda, em seu artigo, que há uma grande dificuldade em explicar o que é a vida. Por mais de 2 mil anos, essa indefinição foi motivo de inquietação só para poucos filósofos. Em geral,

nos contentamos em falar que vida é vida e pronto. Hoje, porém, a ciência mexe fundo nesse conceito. Expressões como “proveta” e “manipulação genética” estão cada vez mais presentes no cotidiano. E a pergunta sobre o que é a vida, e quando ela começa, virou uma polêmica que vai guiar boa parte da sociedade em que vamos viver.

O artigo de Dalton Ramos e Maria Carolina Lucato apresenta o “Conceito de pessoa humana da bioética personalista”, defendendo claramente a dignidade do embrião humano como pessoa, com base no modelo de bioética do Personalismo Ontologicamente Fundado, criado por Elio Sgreccia. Essa linha de pensamento se funda na pessoa humana, ou seja, a pessoa deve ser o critério de avaliação frente aos conflitos em bioética. Toda pessoa humana é unitotalidade, dotada de uma dignidade. Ela é formada pelas dimensões física, psíquica, social, moral e espiritual.

O trabalho de Karen Bergesch também reflete sobre o tema do início da vida e o conceito de pessoa. Para se definir o início da vida é necessário compreender quem é a pessoa, visto que a vida humana não inicia com a formação de um novo indivíduo, mas se mantém através dele. Ao debate pertencem a compreensão de autonomia, dignidade e materialidade humana, pois a existência humana e as possibilidades de pesquisa com embriões ocorrem através da corporeidade. O encontro interdisciplinar pode enriquecer o debate, apresentando perspectivas diferentes sobre a compreensão da vida e os cuidados necessários frente à fragilidade humana. A multiplicidade característica da pós-modernidade é desafiada quando decisões precisam ser realizadas. Por isso, tão importante quanto o resultado final é o processo de amadurecimento das questões colocadas.

O artigo de Mário e Leide Sanches aborda também a dignidade do embrião humano, defendendo que para pensarmos uma bioética global precisamos construir uma reflexão que defenda a dignidade de todo ser humano, mas consciente de que estamos lidando com uma diversidade de antropologias, base da diversidade cultural. Defendem, portanto, que o embrião é digno, não só como pessoa, mas como ser humano. Essa posição não nega a dualidade entre pessoa e humano, mas mostra que a dignidade repousa sob o conceito de humano porque esse envolve o conceito de pessoa.

O texto de Vanessa Ruthes e Rogério Almeida fala da polêmica sobre o início da vida. Reconhecem que, no que diz respeito ao início da vida, essa divergência está estabelecida e que há um choque entre a opinião das ciências,

das várias culturas e religiões, isso porque cada uma delas possui um conteúdo axiológico próprio. Tendo em vista que os valores são diretamente responsáveis pela interpretação que se doa ao conhecimento obtido, pretende-se demonstrar a perspectividade desse. É importante ressaltar que tal realidade não se constitui num relativismo. Assim, pode-se afirmar que o discurso acerca do início da vida é um discurso perspectivo e não unilateral. De que não há uma única verdade acerca do assunto, mas pontos de vista diferente e divergentes.

Além do Dossiê Temático, este número da *Revista Pistis & Praxis: Teologia e Pastoral* traz outros artigos de forte implicação pastoral na sua secção de Diversos. O artigo de Andréia Serrato apresenta o corpo e a sexualidade na contemporaneidade. Ela indica que na atual cultura somática há uma hipervalorização do corpo e da sexualidade. Essa cultura apresenta valores e desafios referentes a ambos, pois no atual discurso o corpo é colocado como uma posse, um outro, e a sexualidade, como realidade humana, torna-se pouco discutida. A todo o momento, faz-se presente um convite à valorização do corpo e da sexualidade em nossa cultura, em um âmbito relacional e encarnado. Sendo assim, não há como propor uma ética sem antes conhecer a realidade na qual ela se inscreve.

O texto de Flávia Roldão faz uma reflexão teórica sobre a intervenção de ajuda e apoio espiritual a famílias que enfrentam a difícil transição do divórcio em seu ciclo vital. Aborda essa questão fazendo dialogar Psicologia e Teologia. O processo de divórcio implica diferentes tipos de perdas para as diferentes famílias. Toda perda impõe a necessidade de realização de processos de luto pelas mesmas. O apoio espiritual que pode ser prestado às famílias que vivenciam essa experiência de sofrimentos pelo processo de divórcio, pode ser uma estratégia efetiva que sinalize possibilidades de acolhimento, esperança e transformação de sofrimentos e prantos em novas possibilidades.

O trabalho de Agemir Dias revisa algumas das pesquisas recentes feitas no Brasil acerca da relação religião e saúde, pensando a questão da saúde a partir da perspectiva da qualidade de vida. Procura correlacionar uma contribuição teológica para o desenvolvimento de uma práxis religiosa benéfica à saúde.

O artigo de Dilermando Ramos apresenta um estudo sobre a figura histórica do Pe. Diogo Antônio Feijó, que foi um destacado político cujas propostas cívicas e religiosas ainda hoje suscitam curiosidade. Feijó, pelo que representou, e pelas posturas que assumiu ante a religião da qual era ministro, só pode ser compreendido dentro das circunstâncias em que viveu, as quais ele

viria a transcender, tanto pelo radicalismo com que defendeu seus pontos de vista, quanto pela pertinácia com que foi combatido.

Márcio Luiz Fernandes apresenta os elementos essenciais que caracterizam a pregação no período da Escolástica Barroca a partir dos sermões do Padre Antônio Vieira. A análise dos sermões permite aprofundar as premissas conceituais, epistemológicas, religiosas e sociais acerca do significado dos conteúdos do saber produzido pela Companhia de Jesus no âmbito da evangelização.

Por fim, é com alegria que apresentamos este número da *Revista Pistis & Praxis*, com os preciosos trabalhos acima apresentados, sendo, cada um deles, claramente fruto de muita pesquisa e estudo.

Prof. Dr. Mario Antonio Sanches
Pelo Conselho Editorial